

MÔNICA BERGAMO

Meu dia de periferia

O high society paulistano viveu seu dia de periferia na segunda-feira, 15. Toques de recolher espontâneos, bandidos por perto, pânico nas ruas. Foi um choque.

“Me deu um ataque de fúria”, diz Atílio Baschera, dono de um antiquário e figura das mais queridas do circuito Jardins/Higienópolis/Morumbi. “São Paulo virar o quê, uma Bagdá?”. Indignado, Atílio passou e-mail a 50 amigos conclamando todos para um protesto. “Se podemos fazer passeata gay na avenida Paulista, se podemos permitir também vandalismo depois de jogos de futebol, na mesma avenida, por que não podemos organizar uma grande passeata de protesto contra a corrupção e ineficiência de nossos dirigentes?!?!?!?”.

Até ontem, o resultado da iniciativa não tinha sido muito animador: ninguém havia aderido à possível passeata. Rosângela Lyra, que comanda a Dior no Brasil, por exemplo, repassou o e-mail a amigos e embarcou para Nova York.

Atílio não desanima. “É um pensamento meio revolucionário: precisamos aguçar, chacoalhar as pessoas para uma atitude mais drástica”, diz ele, que ainda sonha em “colocar 2 milhões de pessoas na Paulista”.

Uma locadora de veículos em Moema informava que quase dobrou o número de locações de carros blindados de luxo na segunda: passou de cinco (a média normal) para nove. Os modelos mais procurados foram o Passat e o Omega — a R\$ 1.000 cada 24 horas.

A rotina de festas nos bairros nobres se alterou de forma radical. Às 16h da segunda, com 40 rebeliões em curso em presídios e dezenas de pessoas morrendo nas ruas, o consultor de etiqueta Fábio Arruda concluiu que o melhor a fazer era adiar a festa de seu aniversário, que seria comemorada em um restaurante dos Jardins. “A cidade estava um caos e era a hora do ‘dá ou desce’. Resolvi descer, para não começar a chorar. Desmarquei a festa. Não havia clima!”

Arruda foi à luta. “Armei uma pequena operação de guerra”, diz. Ligou para socialites como Betty Szafir e Cecília Neves e pediu ajuda para avisar os 200 convidados de que naquele dia não teriam festa. “O problema é que muitos celulares não fun-



Fernando Arruda, após desmarcar o aniversário às pressas; “Armei uma pequena operação de guerra”, diz ele, que se desfez de 30 arranjos de orquídea

cionam. Está um inferno!”, desabafava ele, no meio da operação-desmonte. “A meia dúzia que eu avisei me disse que já não ia mesmo, porque estava com medo”, diz a amiga Betty Szafir, que passou o dia trancada em casa, nos Jardins.

E lá se foram para o lixo os 40 arranjos de orquídeas que decorariam a festa de Arruda, assim como grande parte do “arroz de puta rica”, recheado com frutos do mar. As garrafas de champagne, que já estavam no gelo, foram salvas — ficarão para a próxima segunda, para quando foi transferida a comemoração.

Já os 36 kg de patê (fígado, ‘egg salad’, coalhada) seriam jogados fora. “Não dá para guardar. Vai estragar!”, desabafava Arruda. “Pedi dois motoristas emprestados de minhas amigas para levar os docinhos [são 1.600, fora o bolo de oito quilos] para instituições de caridade.” Outro problema: “Trouxe para o restaurante 350 hipopótamos [bocados de vários tamanhos, de sua coleção particular]. Precisei de um caminhãozinho e agora terei que levar tudo de volta!”

Eram também 16h quando, no Alto de Pinheiros, o arquiteto Marcelo Faisal, também com festa de aniversário marcada, deu a ordem: “Cancela tudo!”. “Realmente, hoje não é dia de festa, né? É um dia triste”, comentava com a coluna, por telefone, interrompendo para aten-



Marcelo Faisal cancela festa com 150 convidados e tem de se desfazer de 72 litros de comida: “É super desagradável!”

der o celular: “Oi, Dé! Cancelei, tá? É... Vamos marcar para quinta-feira”.

“Tô exausto de ficar ao telefone! Imagina, desmarcar com 150 convidados. É super desagradável”, dizia. “E o ‘TV Fama’ vinha, o [apresentador da TV Gazeta] Rammy vinha... É muito chato”, contava Faisal. E, atendendo outro “desconvidado” ao celular: “Quero fazer a festa na quinta. Mas vai depender desse estresse da cidade”.

O prejuízo “é pequeno, mas existe”, segundo Faisal. Dos 72 litros de sopa e macarrão, grande parte seria jogada fora. “Estou superchateado”. As guarnições da massa, como o champagne de Paris, foram levados

por funcionários, que, sem ônibus, partiram para a casa nos carros do bufê.

Foram dezenas de eventos cancelados. O promotor Cacá Ribeiro, um dos organizadores da inauguração do Salão de Festas da Casa Cor, no Jockey, adiou sua festa. “Super chato, né? O problema é que, em uma festa grande, para 1.500 pessoas, não dá para desconvidar todo mundo. Então colocamos umas duas ou três pessoas na porta do Jockey”. Quem chegava recebia o aviso de cancelamento e um docinho como consolo.

Foram distribuídos para funcionários ou jogados no lixo os 30 arranjos de orquídeas e as dezenas de bem-casado.



“Me deu um ataque de fúria”, diz Atílio Baschera, que está convocando um protesto pela paz nas ruas

CURTO-CIRCUITO

O antropólogo Rodolfo Guttilla lança hoje, às 18h30, o livro “A Casa do Santo & o Santo de Casa”, na Livraria da Vila. O bar Mosteiro de San Galo será inaugurado hoje, a partir das 20h, na Vila Madalena (rua Harmonia). José Roberto Auriemo inaugura hoje outra unidade do “The Fifties”, com projeto de Sig Bergamin, na Vila Olímpia. A Gradiente e a TVA fazem hoje, às 19h30, o coquetel de inauguração do espaço HDTV, no shopping Iguatemi. Bob Yang inaugura hoje, às 20h, o bar Balears, espaço lounge com restaurante, na rua Bela Cintra.

CARTAS DA EUROPA

Dom Machado

JOÃO PEREIRA COUTINHO
COLUNISTA DA FOLHA

CERTO dia, meu pai chegou ao pé de mim e aconselhou-me leitura necessária para a minha ilustração espiritual. Acontecia raramente. Mas, quando acontecia, ele acertava. Aconteceu com Machado de Assis e as “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. Eu, um intelectual de 14 anos, com presunção e muita acne, namorava os ingleses havia vários anos e acreditava que, fora das ilhas britânicas, só havia mar e tédio e pouco mais. Enganava-me. Terminei “Brás Cubas” em estado de choque e voltei ao início. Mas o que era aquilo, meu Deus?

Era obra de gênio. Mas que gênio? Precisamente: de um gênio imoral. Não, imoral não. De um gênio amoral: sim, nós temos o nosso Eça, que praticamente ensi-

nou a ler e escrever qualquer português que se preze. Mas a preocupação de Eça era uma preocupação normativa. A crítica feroz à sociedade portuguesa do século 19 e à decadência nacional que o fazia sofrer terrivelmente nunca abandonou a pena de José Maria.

Machado, não. Entendam. A sociedade brasileira habita as páginas dos seus romances, a começar em “Brás Cubas”, e, sobretudo, na figura mansa de Lobo Neves. Mas Machado suplanta o tempo e toca o dedo da eternidade: não é por acaso que o narrador está morto e nos fala diretamente do outro lado. A morte é a única certeza desta vida. E só ela é capaz de cobrir toda a empresa humana com o manto terrível do vazio e da ironia e da fatuidade.

Lembro meu pai, e Machado, e Brás Cubas, ao ler a biografia que Daniel Piza escreveu, “Machado de Assis, um Gênio Brasileiro”



Painel de Glauco Rodrigues sobre Machado de Assis (1839-1908)

(Imprensa Oficial, 415 págs.). Começa por ser objeto estético invulgar em obras do gênero: Piza reuniu fotografias, ilustrações, reproduções fidelíssimas de crônicas, primeiras e manuscritos do autor. Mas a força de Piza, que era já visível nos seus ensaios (reunidos em “Questão de Gosto”, Record, 390 págs.), está na forma audaz, e cosmopolita, como interpreta Machado. Exemplo? Piza pergunta,

como o bardo, o que existe num nome. E procura desvendar, por detrás de cada um (“Capitu”, “Brás”, “Ezequiel”), um significado maior. O exercício é arriscado, sim, mas valioso: só um gênio acreditava que, nas peças de Shakespeare, “Malvolio”, ou “Prospero”, ou “Ophelia”, se chamam assim por acaso. Não chamam. Um escritor medíocre escolhe sem método. Um gênio, quando escolhe no-

mes, escolhe caráteres.

Mas Piza acerta também ao estabelecer os diálogos possíveis entre Machado e os autores da sua influência. É um truismo afirmar que “Brás Cubas” deve muito a Sterne, desde logo na forma delirante como alguns capítulos são visualmente organizados, para não falar já da autoconsciência plena do narrador-defunto. E quem diz Sterne diz Swift, que Machado expressamente cita, juntamente com autores vários que fizeram sua leitura e sua escrita (Rafael Cariello escreveu matéria a respeito nesta Folha sobre os “bons plágios” de Machado). Mas Piza tem razão ao sublinhar a natureza amoral da sua literatura, ao contrário do que sucede com Swift, Sterne e, mais ainda, Henry Fielding, que desconfio ter sido influência séria para Machado. Se Saramago aposta em Diderot, eu aposto em Fielding. Leiam as

aventuras de Joseph Andrews e depois conversamos.

Só mais uma coisa: ao ler a biografia, encontrei pela frente este pedaço de prosa que Machado escreveu em jornal menor quando tinha a minha idade. Transcrevo: “Se a velhice quer dizer cabelos brancos, se a mocidade quer dizer ilusões frescas, não sou moço nem velho. Realizo literalmente a expressão francesa: un homme entre deux âges. Estou tão longe da infância como da decrepitude; não anseio pelo futuro, mas também não choro o passado. Nisso, sou uma exceção dos outros homens que, de ordinário — diz um romancista —, passam a primeira metade da vida a desejar a segunda e a segunda a ter saudades da primeira”.

A poucos dias dos meus 30, faço uma reverência ao autor e roubo esse retrato para pendurá-lo nas paredes da alma.